
Sobre o conceito de arqueologia da diáspora africana

On the concept of archeology of the African diaspora

Lucio Menezes Ferreira*

Resumo: O objetivo desse artigo é apresentar o conceito de arqueologia da diáspora africana, mostrando, em seguida, como ela se inscreve em cerâmicas e na arquitetura.

Abstract: The aim of this paper is to discuss the concept of Archaeology of the African Diaspora. In the other hand the paper discuss how the african diaspora inscribes himself in the pottery and architecture.

Palavras-chave: Arqueologia da diáspora africana. Resistência. Identidade cultural.

Keywords: Archeology of the African diaspora. Resistance. Cultural identity.

Introdução

Emergindo, nos Estados Unidos, a partir dos anos 60 (séc. XX), a arqueologia da escravidão, nas últimas décadas, institucionalizou-se exponencialmente, ampliando o número e a qualidade de suas pesquisas. (KELLY; THOMAS, 2010, p. 351). Mais precisamente, nos últimos 20 anos, como recentemente argumentaram Leone, LaRoche e Babiarz (2005), a arqueologia da escravidão multiplicou seus objetos de estudo, suas formas de constituí-los, tratá-los e pensá-los.

Um dos temas que mais contribuíram para a expansão do campo foi o da diáspora africana. Assim, nos anos 90 (séc. XX), surgiram revistas com edições especiais sobre a arqueologia da diáspora africana (*West*

¹ Professor no curso de Bacharelado em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professor no Programa de Mestrado: Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPEL. Pesquisador do CNPq-PQ 2. *E-mail:* luciomenezes@uol.com.br



African Journal of Archaeology, n. 26, 1996). No fim da mesma década, Orser (1998) sublinhava que os estudos nessa área poderiam converter-se no mais proeminente ramo de pesquisa em arqueologia histórica. Os prognósticos quase sempre são falíveis. Contudo, Orser não se equivocou totalmente. O primeiro decênio dos anos 2000 nos têm brindado com uma plethora de publicações sobre arqueologia da diáspora africana (cf. p. ex.: OGUNDIRAN; FALOLA, 2007).

Neste artigo, apresentarei o conceito de arqueologia da diáspora africana. Em seguida, mostrarei como ela se inscreve na cultura material de diferentes regiões da América, tomando, pontualmente, dois exemplos: as cerâmicas e a arquitetura.

Conceito de diáspora africana

Recentemente, Singleton e Souza assim definiram a diáspora africana: “A dispersão mundial dos povos africanos e de seus descendentes como consequência da escravidão e outros processos de imigração.” (2009, p. 449). Nessa acepção, o vocábulo *diáspora* remete à sua origem grega: a dispersão de um povo, não necessariamente obrigado a imigrar, mas, usualmente, dissipado contra sua vontade. (FUNARI, 2007, p. 355). Numa estimativa ainda incompleta, calcula-se que somente durante o século XIX, 13,2 milhões de africanos foram “forçados a imigrar” para o continente americano. (FERRO, 2004, p. 119).

Assim, a história da diáspora africana, como bem o sabemos, foi feita de violência, castigo, opróbrio, humilhação. Ao termo diáspora se agrega, portanto, uma semântica negativa. Porém, a diáspora africana se refere, também, a práticas cotidianas e a processos de resistência dos escravos, os quais já iniciavam nos navios negreiros, antes mesmo que desembarcassem na América. (BEHRENDT et al., 2001). Nessa linha, a diáspora africana contempla, ainda, as diversas experiências dos povos africanos no continente americano. (SINGLETON; SOUZA, 2009). Remete, pois, às variadas histórias de resistência, como também às distintas ações sociais e identidades culturais dos escravos afro-americanos.

De outro lado, o conceito de diáspora africana abarca a história multicultural do Atlântico, ou seja, a análise e a cartografia da rede triangular de tráfico de escravos que enlaçou as culturas dos povos da África, Europa e América. (SIMPSON, 2008; NWOKEJI; ELTIS, 2002).



Imbricam-se, nesse ponto, os estudos de sociólogos e historiadores, ao mostrarem a formação de uma consciência transnacional e transcultural (GILROY, 2001), em que grupos multiculturais, integrados por escravos africanos, marinheiros e indígenas, lutavam contra os dispositivos das sociedades modernas. (LINEBAUGH; REDIKER, 1990, 2008). Essa dimensão multicultural da diáspora africana invoca variados temas de estudo: a busca arqueológica dos naufrágios dos navios negreiros (WEBSTER, 2008); a definição dos diversos estilos culturais configurados pelos escravos da América (YOUNG et al., 1995); investigações bioarqueológicas em cemitérios de escravos (BLAKEY, 2001); e o tratamento crítico sobre os conceitos de “raça” e racismo. (EPPERSON, 2004).



Em suma, o estudo arqueológico da diáspora africana permite delinear a diversidade de identidades culturais que os escravos forjaram na América. Permite, ainda, circunscrever os espaços de formação das comunidades escravas e os distintos universos multiculturais que construíram. As comunidades escravas da América, com efeito, não se formaram apartadas do mundo que as cercava, como se estivessem engolfadas num mar de pureza cultural. É assim que a arqueologia da diáspora africana se coaduna com os enunciados da teoria social, como, por exemplo, os lançados por Bhabha (1994) e Hall (1996): as identidades culturais são sempre posicionais e contextuais, híbridas e moventes, fazendo-se na diáspora. Afinal, nas identidades culturais, como diz Vertovec (2009), repousam sempre elementos transnacionais.



Vejamos, agora, como esses aspectos da diáspora africana se imprimem nas cerâmicas e na arquitetura de diferentes regiões da América.

Dois suportes da diáspora africana: a cerâmica e a arquitetura

Um dos principais precursores da arqueologia da diáspora africana é Merrick Posnansky, professor na Universidade da Califórnia. Posnansky trabalhou em muitas campanhas na África, e as primeiras ocorreram entre 1965 e 1976. Ocupou vários cargos em universidades e museus da África; desenvolveu estudos arqueológicos e etnoarqueológicos em diversas comunidades africanas (p. ex.: POSNANSKY, 2004). Observou que grupos culturais da África do oeste, muito diferentes entre si e que sequer falam a mesma língua, produzem artefatos muito similares; a



diferença fundamental reside nos usos que esses grupos fazem dos objetos. (POSNANSKY, 1984, 1999). Posnansky pontuou que o mesmo se passa na América, e que, assim, os arqueólogos devem delimitar a peculiaridade de cada contexto estudado. Deve-se evitar, portanto, a fenomenologia das diferenças, como se todos os povos da diáspora africana significassem artefatos do mesmo modo. É nesse sentido que a diáspora africana se relaciona com a história multicultural do Atlântico e sempre conforma identidades culturais híbridas e moventes. Com efeito, ela não significa, propriamente, a conservação de uma essencial herança africana (SINGLETON, 1999), mas os processos de “africanização das Américas”. (KNIGHT, 2010, p. 5).

Além dessa faceta multicultural, a diáspora africana implica, como já argumentei, resistência cultural. A esse respeito, é preciso notar que muitos dos achados arqueológicos no Caribe, nos Estados Unidos e na América do Sul – como cachimbos, fichas de jogo, contas de colar, cosmogramas e pedras polidas – costumam apresentar semelhanças. Esses artefatos distintivos estão constantemente associados a povos descendentes da África ao largo das Américas (FERGUSON, 1991), mas, com efeito, relacionam-se, mais especificamente, com a similitude das experiências escravas. (SINGLETON, 1999). Os escravos raramente atuavam com liberdade. De maneira que a aquisição, a produção e o uso de artefatos pelos escravos na diáspora quase sempre resultavam de ações sociais e processos de resistência ante os dispositivos de vigilância e opressão organizados por aqueles que detinham o poder. (WEIK, 2009).

Consideremos o exemplo das cerâmicas. Thomas (1998), estudando a *plantation* Hermitage, situada em Nashville, Tennessee, evidenciou como as cerâmicas, louças e porcelanas eram ícones de poder e riqueza. Assim, os fazendeiros controlavam a distribuição das cerâmicas entre os escravos, dispensando-lhes os tipos mais simples. Porém, segundo Thomas (1998), os escravos contestaram essas estratégias de controle. Obtinham cerâmicas e, mesmo louças e porcelanas, comprando-as e as redistribuindo. Os escravos da *plantation* Hermitage, pois, não adquiriam cerâmicas somente das mãos dos proprietários, mas as negociavam e disputavam como símbolo de poder e prestígio. (THOMAS, 1998). No entanto, interpretações desse quilate devem ser relativizadas, pois os escravos só tinham acesso a esses utensílios por meio de trocas ou de poucos recursos de compra de que dispunham. Os escravos quiçá podiam escolher alguns objetos, mas a seleção era, contudo, sempre limitada.



Assim, não se pode assumir peremptoriamente que louças e porcelanas representassem, para proprietários e escravos, significados semelhantes de poder e prestígio. (SINGLETON, 1995).

As cerâmicas, usadas para preparar, servir e armazenar alimentos, são os artefatos mais frequentemente encontrados nos contextos afro-americanos. Entretanto, a questão, no tocante à diáspora africana, não é buscar, nas cerâmicas, sinais diacríticos. Como em qualquer pesquisa arqueológica, o problema não é fazer correlações diretas entre cultura material e etnias, mas compreender a cultura material como índice e expressão de relações culturais, sociais e de poder.

Tomemos o exemplo da confecção de cerâmicas pelos escravos no Caribe. Além de produzi-las em âmbito local, os escravos as intercambiavam, confeccionando uma ampla rede de trocas entre as ilhas da região. (AHLMAN et al., 2008; HAUSER et al., 2008). Os escravos, dessa forma, transformavam as cerâmicas em artefatos diaspóricos; as cerâmicas percorriam as ilhas do Caribe, ajudando a conformar identidades culturais locais, a enfrentar as estratégias de controle dos senhores e a estabelecer alianças políticas entre as comunidades escravas. Como diria Guha (1997), nenhum poder é completamente hegemônico, sobrepondo-se integralmente à vida dos grupos subalternos.

Pode-se observar a diáspora africana, também, na arquitetura. Edwards (2006) argumenta que os edifícios nas cidades coloniais francesas dos Estados Unidos e do Caribe não são uma mera transposição das técnicas arquitetônicas da França em solo americano. Os escravos construíram a maioria dos edifícios públicos e casas nas duas regiões, mas não se limitaram a usar os músculos; nos edifícios e nas casas se vislumbra a adoção de ideias e técnicas que os escravos trouxeram da África. Os escravos interferiam, também, em suas próprias vivendas. Farnsworth (1999, 2001), em seus trabalhos no Caribe, assinalou que as construções das habitações escravas eram negociadas em vários níveis. Os fazendeiros tinham o controle sobre os materiais e estilos das habitações escravas. Não obstante, Farnsworth notou que os escravos foram capazes de negociar seus capitais simbólicos, impondo suas marcas culturais nas habitações que lhes eram destinadas nas fazendas do Caribe. Os escravos, pois, inscreviam seus sistemas simbólicos e de valores nas construções.

A organização espacial das habitações escravas, em quase toda a América, resultou da decisão consciente, por parte dos fazendeiros, de maximizar o lucro, exercer a vigilância (no sentido foucaultiano do termo)



e reforçar a subalternidade dos escravos. (EPPERSON, 1999; SINGLETON, 2001; SOUZA, 2007). Mas, como ensinam os estudos de Armstrong (1999), na Jamaica, há evidências de que os escravos criavam suas próprias organizações espaciais no interior das habitações. A habitação escrava era um espaço onde se urdia a tela fina da resistência cotidiana. Assim, em muitas *plantations* do Sul dos Estados Unidos, arqueólogos encontraram buracos no interior das habitações, nos quais os escravos armazenavam alimentos e artefatos diversos. (SINGLETON, 2001; SAMFORD, 2007).

Conclusão

Os estudos arqueológicos da diáspora africana buscam, em suma, entender como as identidades culturais dos escravos afro-americanos se expressam materialmente em vários contextos. Mas os indivíduos, como sabemos, constroem suas identidades para atuar no mundo. A atuação dos escravos foi, quase sempre, um esforço no sentido de não permanecerem escravos. Não é estranho, assim, que os arqueólogos identifiquem, nas cerâmicas, edifícios e habitações de diversas regiões da América, atos de resistência à escravidão. A “africanização das Américas”, portanto, reúne esses dois planos de análise: os processos de resistência ante o sistema escravista e a formação e a transformação das identidades culturais dos escravos.

Referências

- AHLMAN, T. M. et al. Ceramic production and exchange among Enslaved Africans on St. Kitts, West Indies. *Journal of Caribbean Archaeology*, (2): 109-122, 2008.
- ARMSTRONG, D. Archaeology and ethnohistory of the Caribbean Plantation. In: SINGLETON, T. I, *Too, Am America: archaeological studies of African American life*. Charlottesville: University Press, 1999. p. 173-192.
- BEHRENDT, S. D.; ELTIS, D.; RICHARDSON, D. The costs of coercion: African Agency in the pre-modern Atlantic World. *The Economic History Review*, (54): 3, 454-476, 2001.
- BHABHA, Homi K. *The location of culture*. London: Routledge, 1994.
- BLAKEY, M. L. Bioarchaeology of the AFRICAN DIASPORA in the Americas: its origins and scope. *Annual Review of Anthropology*, (30): 387-422, 2001.
- EDWARDS, J. D. Creole architecture: a comparative analyses of upper and lower Louisiana and Saint Domingue. *International Journal of Historical Archaeology*, (10):3, 241-271, 2006.
- EPPERSON, T. W. Constructing difference: the social and spatial order of the chesapeake plantation. In: SINGLETON, T. (Ed.). *I, Too, Am America: archaeological studies of African American life*. Charlottesville University Press Virginia, 1999, p. 159-172.
- EPPERSON, T. W. Critical race theory and the archaeology of the African diaspora. *Historical Archaeology*, (38):1, 101-108, 2004.
- FARNSWORTH, P. From the past to the present: an exploration of the formation of African-Bahamian identity during enslavement. In: HAVISER, J. B. (Ed.). *African Sites Archaeology in the Caribbean*. Princeton: Markus Weiner, 1999. p. 94-130.
- FARNSWORTH, P. Negroe houses built of stone besides others wat'd & plastered: the creation of Bahamian tradition. In: FARNSWORTH, P. (Ed.). *Island Lives: Historical Archaeologies of the Caribbean*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2001. p. 234-271.
- FERGUSON, L. Struggling with pots in colonial South Carolina. In: MCGUIRE, R. H.; PAINTER, R. (Eds.). *The Archaeology of Inequality*. Oxford: Blackwell, 1991. p. 28-39.
- FERRO, M. Sobre o tráfico e a escravidão. In: FERRO, M. (Ed.). *O livro negro do colonialismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 118-135.
- FUNARI, P. P. The archaeological study of the African Diaspora in Brazil. In: OGUNDIRAN, A.; FALOLA, T. (Eds.). *Archaeology of Atlantic Africa and the African Diaspora*. Bloomington: Indiana University Press, 2007. p. 355-371.
- GILROY, P. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- GUHA, R. *Dominance without hegemony: history and power in Colonial India*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- HALL, Stuart. When was the Postcolonial? In: CHAMBE, I.; CURTI, L. (Eds.). *The post-colonial question:*

common skies, divided horizons. London: Routledge, 1996. p. 242-260.

HAUSER, M. W.; DESCANTES, C.; GLASCOK, M. D. Locating enslaved craft production: chemical analysis eighteenth-century Jamaican Pottery. *Journal of Caribbean Archaeology*, (2): p. 123-148, 2008.

KELLY, R. L.; THOMAS, D. H. *Archaeology*. Belmont: Wadsworth, 2010.

KNIGHT, F. *Working Diaspora: the impact of African Labor on the Anglo-American World, 1650-1850*. New York: New York University Press, 2010.

LEONE, M. K.; LAROCHE, C. J.; BABIARZ, J. J. The archaeology of black Americans in Recent Times. *Annual Review of Anthropology*, (34): p. 575-598, 2005.

LINEBAUGH, P.; REDIKER, M. The many-headed hydra: sailors, slaves, and the atlantic working class in eighteenth century. *Journal of Historical Sociology*, (3): p. 191-214, 1990.

LINEBAUGH, P.; REDIKER, M. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NWOKEJI, G. U.; ELTIS, D. The roots of African Diaspora: methodological considerations in the analysis of names in the liberated African Registers of Sierra Leone and Havana. *History in Africa*, (29): p. 365-379, 2002.

OGUNDIRAN, A.; FALOLA, T. (Eds.). *Archaeology of atlantic Africa and the african diaspora*. Bloomington: Indiana University Press, 2007.

ORSER JÚNIOR, C. The archaeology of the African diaspora. *Annual Review of Anthropology*, (27): p. 63-82, 1998.

POSNANSKY, M. Toward of the black Diaspora. *Journal of Black Studies*, (15): 2, p. 195-205, 1984.

POSNANSKY, M. West Africanist reflections on African-American archaeology. In: SINGLETON, T. (Ed.). *I, Too, Am America: archaeological studies of African American life*. Charlottesville: University Press Virginia, 1999. p. 21-38.

POSNANSKY, M. Process of change – a longitudinal ethno-archaeological study of a Ghanaian Village: Hani 1970-1998. *African Archaeological Review*, (21):1, p. 31-47, 2004.

SAMFORD, P. *Subfloor Pits and the archaeology of savery in Colonial Virginia*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2007.

SIMPSON, A. Some reflections on relics of the Trans-Atlantic Slave Trade in the Historic Town of Badagry, Nigeria. The African Diaspora Archaeology Network. 2008. Disponível em: < www.diaspora.uiuc.edu>. Acesso em: 10/4/2009.

SINGLETON, T. The archaeology of slavery in North America. *Annual Review of Anthropology*, (24): p. 119-140, 1995.

SINGLETON, T. Introduction: In: SINGLETON, T. (Ed.). *I, Too, Am America: archaeological studies of African American life*. Charlottesville: University Press Virginia, 1999. p. 1-17.

SINGLETON, T. Slavery and spatial dialectics on Cuban Coffee plantations. *World Archaeology*, (33): 1, p. 98-114, 2001.

SINGLETON, T.; SOUZA, M. A. T. de. Archaeologies of African Diaspora: Brazil, Cuba, and United States. In: MAJEWSKI, T.; GAIMSTER, D. (Eds.). *International Handbook of Historical Archaeology*. New York: Springer, 2009. p. 449-469.



SOUZA, M. A. T. de. Uma outra escravidão: a paisagem social no engenho de São Joaquim, Goiás. *Vestígios*, (1): 1, p. 59-92, 2007.

THOMAS, B. H. Power and community: the archaeology of slavery at the hermitage plantation. *American Antiquity*, (63): 4, p. 531-551, 1998.

VERTOVEC, S. *Transnationalism*. Routledge: London: Routledge, 2009.

WEBSTER, J. Historical archaeology and the slave ship. *International Journal of Historical Archaeology*, (12): p. 1-5, 2008.

WEIK, T. M. The Role of ethnogenesis and organization in the development of African-Native American Settlements: an African Seminole Model. *International Journal of Historical Archaeology*, (13): p. 206-238, 2009.

YOUNG, A. L.; ANDREWS S. C.; CARR, P. J.; MCBRIDE, K. A.; MCBRIDE, W. S.; POLLACK, D. (Eds.). Ceramics and slave lifeways at locust grove plantation. *Historical Archaeology in Kentucky*. Frankfort: Kentucky Heritage Council, 1995. p. 253-264.

